



DOSSIÊ HOMENAGEM A JORGE ANDRADE – 50 ANOS D'A MORATÓRIA: ENCRUZILHADAS DA LITERATURA E DA HISTÓRIA

Diógenes André Vieira Maciel*
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
dmaciel@openline.com.br

Talvez por conta de certa fixação em datas e fatos marcantes – seja na minha vida pessoal, seja na minha vida profissional – fico sempre querendo saber quando é o aniversário do que e de quem, como um enorme medo de que algo seja esquecido, como se fosse possível não fazê-lo... Talvez, também, por conta dessas minhas angústias corro sempre contra o acaso das correntes e busque aquilo para o que ninguém olha... Foi assim quando escolhi, durante um bom tempo (e até hoje), estudar a nossa cultura popular nordestina, com especial atenção para os cultos afro-brasileiros, como também quando comecei a estudar dramaturgia. Prima pobre dos estudos literários, quase sempre ausente das aulas de literatura, em qualquer dos níveis de ensino, a dramaturgia está sempre ocupando o espaço de ilustre esquecida.

Como o título deste dossiê já anuncia, aqui reunimos cinco trabalhos, dois de profissionais ligados às Letras e três de profissionais ligados à História, cujas veredas se cruzam através da dramaturgia de um dos nossos autores mais importantes e esquecidos da segunda metade do século XX, o paulista Jorge Andrade (1922-1984), na oportunidade de comemorarmos os cinquenta anos da primeira montagem de sua peça mais representativa, *A moratória*. Tentativa de não esquecer e tentativa de homenagear. Tentativa de unir.

Talvez, seja esse o maior passo que estamos dando com este dossiê. Quem sabe possamos compreender as inúmeras veredas que, ao invés de separar História e Letras, nos unem: seja a partir da análise do processo histórico formalizado em obra artística,

* Doutor em Literatura Brasileira, atuando como bolsista PRODOC/CAPES no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

tornado elemento constitutivo da obra e parte indissociável de sua integridade; seja na leitura da obra artística mediante a compreensão do processo histórico, tanto aquele formalizado nela quanto aquele que a gera. É fato que a obra de Jorge Andrade tem sido muito mais freqüentada pelos historiadores, o que se poderá atestar pelos múltiplos olhares lançados sobre ela nos artigos deste dossiê, inclusive atentando-se para uma crescente fortuna crítica. De outro lado, para aqueles da área das Letras, este dramaturgo nem sempre é uma constante – estando sempre eclipsado por Nelson Rodrigues ou Ariano Suassuna, contudo este estado de coisas tem se modificado recentemente, mediante a reflexão sistemática e crítica em torno da compreensão dos processos ligados à produção de dramas modernos no Brasil. Reflexão esta iniciada pela professora Iná Camargo Costa, na trilha deixada por Décio de Almeida Prado e Sábato Magaldi, e facilitada pela tradução de livros fundamentais como os de Peter Szondi ou de Raymond Williams.

Resta-nos esperar que, neste ímpeto de não esquecer ou de não deixar “passar em branco” uma data em torno da dramaturgia de Jorge Andrade, possamos oferecer ao leitor textos que dizem de nossas experiências de leitura, do mundo e da vida, da arte e da história, do enorme prazer e da oportunidade imperdível de ler a obra de um artista que pensava o seu universo, projetando nele o que lhe havia de mais caro – a sua emoção, a sua memória, a sua vida – que nos é comunicado em cada gesto proposto, em cada cena perfeitamente tramada, em casa personagem eterno, em cada detalhe vivo nos galhos da jabuticabeira ou nos relógios que marcam um tempo que teima em parar ou em passar. Passado o tempo, resta-nos a eterna possibilidade de recomeçar. Sempre. Que este conjunto de reflexões seja apenas o começo!